

O HERALDO

Director, proprietario e editor

JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO

“JORNAL DE ANNUNCIOS”

Redacção, administração, composição e impressão

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 3

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

INCIDENTE JORNALISTICO

O *Heraldo* responde
ao governador civil e aos
republicanos de Portimão

No dia 17 do corrente foi recebida na redacção do *Heraldo* a seguinte carta do illustre chefe do districto:

«Faro, 16 Maio 1911.

Ex.^{mo} Sr. Director do “Heraldo”, Tavira.

Declarei o “Heraldo” segundo diz a “Alma Algarvia”, que pessoa competente viu, no governo civil de Faro, uma lista celebre, pedindo perseguições, mandada de Portimão.

Rogo a V. Ex.^a o favor de esclarecer o caso, declarando ao mesmo tempo, quem é a pessoa que viu a referida lista e por que meios conseguiu vê-la.

De V. etc.,

(a) Zacharias Guerreiro.»

Eis a nossa resposta:

Ex.^{mo} Sr. governador civil do districto de Faro.

Em resposta á carta de V. Ex.^a declaramos que logo que foi do nosso conhecimento a local da “Alma Algarvia”, telegraphamos o seguinte áquelle jornal: «Redacção “Heraldo” afirma categoricamente que em todos seus artigos respeitantes a polémica Portimão não ha referencia alguma digno governador civil Faro, completamente estranho este incidente e quaisquer allusões a pessoas ou inconfidencias nada tem com o digno magistrado. Pego logo publica esta declaração.»

Acrescentaremos que o “Heraldo”, que apenas se fez echo de um boato publico na polémica que originou a carta de V. Ex.^a, não empregou a phrase «viu no governo civil» etc. que V. Ex.^a transcreve da “Alma Algarvia”, ficando por isso prejudicada qualquer declaração relativa á ultima parte da carta a V. Ex.^a.

De V. Ex.^a

Att.^o V. or e M. to Ob. do

Antonio Santos.

O illustre magistrado que subcreveu o documento a que nos referimos, conquistou em todo o Algarve uma tal corrente de sympathia que difficilmente poderá ser excedida; a justiça que lhe assiste, o seu caracter honestissimo e intangível a qualquer suspeição, merecem-nos por isso mais longa e elucidativa resposta.

Assim, satisfazendo gostosamente os desejos do sr. Zacharias José Guerreiro, repetiremos que em todos os artigos referentes á polémica entre o *Heraldo* e a *Alma Algarvia*, não se emprega a phrase «pessoa competente viu», etc.

Simplemente o *Heraldo* fazendo-se echo de um boato que, como é publico e notorio, correu em toda a cidade, disse no seu artigo *Todos menos dois*, ter circulado no governo civil de Faro uma lista, que fôra apreciada por pessoa competente.

Ainda aqui o *Heraldo* continuou a fazer-se echo de um boato publico, porquanto a *pessoa competente* a quem se allude é V. Ex.^a, só V. Ex.^a, pois toda cidade, um coro unisono de applausos pela politica conciliadora que V. Ex.^a sempre tem seguido e que lhe tem concitado tão justas como merecidas e unanimes sympathias, lhe attribuiu o facto de ter solucionado um supposto conflicto.

Não viu V. Ex.^a lista alguma e tudo isto não passa de um insidioso boato adrede forjado pelos inimigos das instituições, para desprestijar a grande familia republicana?

Ainda bem!

O *Heraldo*, que em toda esta questão, não tem a pesar-lhe na consciencia o minimo agravo para ninguém, previu a má interpretação que podia ser dada ás suas palavras, por quanto, logo a seguir, no mesmo artigo, *Todos menos dois*,

escreveu, referindo-se á supposta lista:

«E’ isto uma tremendissima calúnia, uma purissima mentira?»

Não seremos nós quem o conteste.»

Foi esta convicção, plenissima em nosso espirito, que nos habilitou a redigir o telegramma enviado á redacção da *Alma Algarvia* logo que tomámos conhecimento do artigo do seu ultimo numero.

Sem duvida tal telegramma represente-se naturalmente da má impressão em que nos deixou a injustiça das apreciações que nos eram feitas; todavia transparece nelle o desejo aliás justificadissimo, de afastar V. Ex.^a de um incidente em que não teve interferencia alguma.

Esse telegramma, de que enviamos copia a V. Ex.^a, precedeu, como é intuitivo, muitas horas a carta de V. Ex.^a.

Das nossas palavras deduz-se claramente a intenção de pôr termo a um incidente que, pela gravidade que revestiu e devido á má interpretação dada ao que escrevemos, tanto apaixonou os republicanos nos historicos de Portimão.

Mas ha mais:

No *á Gandaia* do nosso ultimo numero, analysando um echo da *Alma Algarvia*, escrevemos no *Heraldo*:

«Citamos os medicos Cabrita e Corte Real por serem os unicos republicanos de nós conhecidos e não pelos seus diplomas, que para o caso nenhuma importancia tem. São os republicanos portimonenses honestos e leaes nos seus processos de fazer politica?»

Ainda bem!

Muito folgamos por lhe termos dado ensejo para assim o declararem publicamente.»

Depois destas explicações expontaneamente dadas pelo *Heraldo*, consinta, sr. governador civil, que lhe digamos que nos parecem sobremaneira injustas quaisquer tendencias a deprimirem-nos e a derivarem o assumpto para o campo individual.

Não sendo praxe derimir pela imprensa conflictos que se debatam nos acanhados ambitos do personalismo, porque, acima de tudo prezamos a nossa dignidade jornalística, injustamente ferida pelas palavras, sem duvida apaixonadas que nos tem sido dirigidas, encerramos aqui irrevogavelmente o incidente, com as seguintes declarações que se justificam pelo absoluto amor á verdade que sempre nos caracterizou:

Não foi intenção do *Heraldo* offender nem melindrar ninguém e muito menos os republicanos historicos de Portimão.

A referencia feita ao cidadão Pires, que soubemos depois ser tomada como allusão ao sr. Joaquim Gualdino Pires, que nós garantem ser pessoa respeitavel e considerada, foi, repetimos, apenas um acaso infeliz.

O nosso artigo *Todos menos dois* que tanto irritou os portimonenses, era apenas uma critica ao processo de se exigirem reparações por meio de telegrammas collectivos.

Não fomos felizes nessa critica? Desvirtuamos as nossas intenções agravando quando pretendiamos desaggravar?

Errámos?

Não fica mal a ninguém confessar lealmente um erro.

Se os republicanos historicos portimonenses prezam a dignidade do seu nome, também nós prezamos a nossa dignidade jornalística.

E’ em nome d’ella e por enten-

dermos, em vossa consciencia, de ver-lhes esta reparação que hoje voltamos pela ultima vez ao assumpto, desaggravando-os por completo se por ventura viram agravos nas nossas referencias, onde, repetimos, não existem.

E de tudo, creia V. Ex.^a, sr. governador civil, e com V. Ex.^a todos os republicanos historicos, o que mais nos magoa é que apesar da nossa sinceridade, expontanea e leal, fossemos tão mal apreciados.

Pelo mesmo motivo lamentamos que num assumpto meramente jornalístico se procure enxertar uma longa floracção de odios, que não merecemos, e em que não desejamos ver arrastadas individualidades cuja dignidade muito prezamos.

A Redacção.

O *Heraldo* recebe e publica gratuitamente as noticias de manifesto interesse publico.

A reforma de instrução primaria

O nosso prezado amigo Albano Saraiva, digno sub-inspector Escolar do circulo de Faro enviou ao illustre ministro do Interior, a seguinte mensagem:

Senhor Ministro:

Se a um modesto mas dedicado obreiro da instrução em Portugal é permitido prestar vos o preito da sua admiração e do seu reconhecimento de cidadão portuguez pelo monumental diploma que reorganizou entre nós o ensino primario, releve-me V. Ex.^a a ousadia com que me abalanço a redigir esta mensagem, cuja alta significação de civismo provem, não do meu obscuro nome, mas sim do de muitos e illusridos cidadãos do Algarve que comigo a subscrevem com desvanecido orgulho por uma das medidas de mais rasgado alcance social promulgadas pelo Governo Provisorio da Republica.

Nem posso afirmar que seja minha iniciativa desta homenagem porque o sentimento de gratidão pelo vosso digno trabalho de estadista glorioso nasceu simultaneamente no coração de nós todos!

Excellencia! Na minha qualidade de sub inspector Escolar, nesta provincia, varias vezes se me tem proporcionado occasião de expor e comentar, tanto em particular como em publico, os salutes effeitos que da vossa patriotica e sabia reforma hão de resultar para a patria portugueza em futuro não remoto.

E todos os que me escutam, todos os que se interessam de alma e coração pela prosperidade da nossa raça e pelo bom nome de Portugal, todos se compenetraram da efficacia da nossa legislação e todos reconhecem quanto é grande o quinhão de gloria que vos cabe na vasta obra da reorganização da mentalidade portugueza tão nobremente comprehendida pelo governo da Republica.

Todos saudamos em vós o grande Estadista Portuguez que, tendo tão valorosamente collaborado na sagrada tarefa de despertar as energias e a consciencia da nação, soube depois, nas cadeiras do poder, traduzir as aspirações da nossa raça, resolvendo de maneira tão alevantada, justa e humana, o problema primacial da instrução—o alicerce, mais estavel e duradouro em que hãde assentar o edificio da nova Republica.

Excellencia! Dignae-vos acceitar a expressão do nosso reconhecimento como cidadãos, da nossa dedicação como sinceros apóstolos da instrução e do nosso incondicional e inabalavel apoio á obra generosa da Republica Portugueza que com tanta gloria sabeis dignificar!

Faro, 4 de maio de 1911.

(a)—Albano Alberto de Mira Saraiva, sub-inspector Escolar, Luiz Callado Nunes, reitor do lyceu, Basilio Ribeiro Leite de Sousa Vasconcellos, Carlos da Conceição Aquino Villamoriz, Joaquim Romão C. de Noronha, professores do lyceu, P. A. Monteiro de Barros, industrial, Victor Castro da Fonseca, notario, José Gonçalves Marreiros, industrial, João Gago Nobre, advogado, João de Mattos Sobral Cid, professor do lyceu, Amílcar Duque, guarda livros, Antonio Sequeira Braga, 2.^o tenente de marinha, José Alexandre da Fonseca, proprietario, Luiz Vieira da Silva, agente do Banco de Portugal, Manuel Carvalho, industrial, João de Freitas Ribeiro, 1.^o tenente de marinha, Afonso Pereira Assis, empregado no commercio, Paulo Pinto, commerciante, Manuel Cumbreira, presidente da Camara de Villa Real de Santo Antonio.

Afonso Alvaro Freire, director do Telegrapho-posal do districto de Faro, Antonio Martins Paula, membro da commissão municipal administrativa, Ludovico Caetano de Menezes, veterinario, João Alexandre da Fonseca, proprietario, Sebastião José da Costa, 2.^o tenente de marinha, Justino F. Chaves, proprietario, Bernardo de Passos, commissario de policia, Francisco Augustus da Silva Almeida Vilhena, conde do Cabo de Santa Maria, Antonio Caetano Celorico Gil, advogado, Francisco da Silva Junior, 2.^o tenente d’administração naval, Francisco Antonio Rolão, empregado na Agencia do Banco de Portugal, Francisco Victorino dos Santos, idem, Jordão Cansado Conde, idem, Eduardo Augusto Marques, 1.^o tenente medico de marinha, Antonio Viegas Pinto, empregado da Agencia do Banco de Portugal, Antonio Ignacio Gil, idem, João Rodrigues dos Santos, idem, Jacques Ruivo, amanuense da camara de Faro, Manuel José de Sousa, proprietario, José de Calazans Duarte, secretario da administração, Luiz de Sousa Faisca, presidente da camara municipal de Loulé, Domingos José Gueiro, vice-presidente da commissão municipal administrativa, José dos Santos Machado, membro da commissão municipal, Alexandre Pereira d’Assis, medico, Ezequiel Pereira, director da escola industrial *Pedro Nunes*, Carlos Augusto Lyster Franco, professor da escola industrial *Pedro Nunes*, João Pedro de Souza, advogado, Carlos Alberto d’Almeida Maduro, 2.^o tenente de marinha, Joaquim de Mello Coutinho Garrido, 1.^o tenente de marinha, João Baptista de Barros, 2.^o tenente de marinha.

O *Heraldo* publica por preços muito vantajosos annuncios annuaes, por contracto especial.

José Maria dos Santos, junior

com o curso de Construção Civil e Obras Publicas pelo Instituto de Lisboa:

Levantamentos, plantas, cortes, projectos e outros trabalhos de topographia e construção.

em TAVIRA

TRIBUNA LIVRE

AS MINHAS CONSIDERAÇÕES...

«O povo, elegendo os seus representantes ás Constituintes, tem de proceder a essa eleição com absoluta consciencia e inteira liberdade»—assim o dizia, em 15 do corrente, n’uma das suas passagens, o artigo editorial do orgão officioso do sr. ministro do interior.

Nada calaria mais profundamente no meu espirito, se fossem palavras de qualquer jornal estranho ao governo ou aos ministros. Assim, não, porque o sr. ministro do interior, para ser coherente, não devia consentir que no seu jornal se dissesse uma coisa d’estas. Effectivamente, o povo, no exercicio do voto, devia proceder com absoluta consciencia e inteira liberdade,—e é preciso que todos os bons portuguezes tenham a noção mais nitida, perfeita e completa da grande philosophia que existe n’uma tão singella affirmacção. Como bom republicano, cidadão amante do seu paiz, estimaria que todos assim dissessem, mas, antes de tudo, o que eu mais desejava era que todos o sentissem. Pensar e dizer pouco importa: pensa-se muitas vezes e diz-se muitas vezes aquillo que se não sente. E parece-me que devo ter n’esta conta aquella affirmacção da Republica. E’ provavel que não tenha sido escripta pelo sr. ministro do interior, mas nem por isso deixa de ser da sua responsabilidade. N’estes termos, custa crer que, por intermedio da Republica, seja propagandista d’uma ideia que elle proprio não respeitou, ao fazer o decreto eleitoral, e que hoje mesmo não respeita, quando, em conselho com os seus collegas do ministerio e outras entidades politicas, aprecia as candidaturas dos diferentes circulos do paiz.

O sr. ministro do interior, se quizesse que o povo, no exercicio do voto, procedesse com inteira liberdade, não teria certamente restringido o seu direito, pelas formalidades a que sujeitou as candidaturas, dizendo que os eleitores só podem votar nos candidatos que se propozeram, quando é certo que deveriam ter o direito de votar em quaesquer cidadãos elegiveis. O povo, que tem no seu paiz tantos cidadãos illustres, de reconhecida ou provavel competencia para exercer com talento e probidade a representação nacional, e que, apesar d’isso, é forçado a votar n’estes ou naquelles, sob pena das snas listas não terem valor, será tudo quanto quizerem, mas ninguém poderá dizer que é livre e, muito menos, que procede com inteira liberdade.

O sr. ministro do interior, se quizesse que o povo, no exercicio do voto, procedesse com absoluta consciencia, não consentiria que o Directorio e as commissões politicas, essas taes entidades que, tão abusivamente e feiamente exercem funções de governo,—limitassem a tres ou a quatro, em cada circulo, o numero de candidatos elegiveis, determinando d’esta maneira uma restricção perigosa e absolutamente immoral, dentro da restricção que a lei, por sua vez, já tinha consignado. O povo, mas refiro-me tão somente aos eleitores que não tem os olhos vendados, o povo, dizia eu, havendo ás suas mãos a lista que o Directorio, feito pastor, impõe aos seus carneiros, que das ovelhas só uma tem voto, ou presta uma systematica sujeição aos designios e caprichos de quem manda, e n’esto caso pouco

valor e credito podemos dar á sua consciencia, porque, afinal, é a consciencia dos outros,—ou deixa de votar, e n'isto procede com dignidade, mas, talvez contra a sua consciencia, porque, em nome d'ella, considera illicita a abstenção d'este direito.

Nos tempos da monarchia, a liberdade e a consciencia eram duas concepções mythologicas.—na Republica, deviam ser duas coisas positivas, mas... são unica e simplesmente o que se vê.

O povo rude, que nem sequer tem a mais ligeira noção do que é a politica, esse povo, claro está que, votando, não tem liberdade nem consciencia, e que faz: não tem liberdade, porque, no regime do direito eleitoral vigente, ninguém poderá conquistá-la,—e não tem consciencia, porque o Directorio, as commissões politicas, o proprio governo e até os candidatos ou, melhor, os futuros representantes não sei de quem, olham para os eleitores, como se toda, essa gente deva continuar a ser o que era,—pedaços de rocha, incrustados na terra. Segundo elles, na urna eleitoral, querem-se listas eguaes, homogeneas, privilegiadas. Listas que não exprimam a vontade dos eleitores nem traduzam a vós da sua consciencia. E d'este modo, as listas serão hoje o que eram hontem: materia podre.

Alem do que, sobre o assumpto, hei lido em varios jornaes, tenho a ideia de que a *Provincia do Algarve*, n'um artigo proveniente do espirito lucido e sincero de quem quer que fosse, affirmou que o alto lugar dos legisladores da Republica se não conquistaria como antigamente, e que os candidatos, para se mostrarem verdadeiros e legitimos representantes da vontade nacional e, por isso mesmo, dignos do mandato que lhes confiassem, viriam junto do povo. Mas os candidatos do circulo de Faro... onde estão elles? Quem os viu? Quem os conhece? E' preciso educar o povo, educá-lo civicamente. Sim, é preciso, mas, se todos o pensam e todos o dizem, os candidatos, ou porque tenham a certeza de que já ninguém os despoja das suas vaidades, ou porque tenham receio de mostrar em publico talvez a sua incompetencia, absteem-se de cumprir um dos mais sagrados deveres. Ora, quando os candidatos ás Constituintes, recrutados com tanta consciencia e passados por tantas feiras, procedem d'este modo, perfilhando o que era tão censuravel e que, em ultima analyse, deitou por terra os haudidos da monarchia, pergunto: que deverá esperar-se dos futuros parlamentos?

E' triste que na Republica portugueza, em que todas as nações fixam os olhos, porque a nossa Republica é sem duvida uma das coisas mais lindas que a historia tem registado desde que o mundo é mundo,—é triste que se deem de presente as candidaturas e que os futuros legisladores, porque já estão servidos, atirem á cara dos seus votantes o escarro que em geral deitamos ás coisas que nos despertam odios, ou que se despresam.

E' isto o que eu penso e o que devem realmente pensar todos os bons portuguezes, os bons republicanos, os que o sabem ser, os que, acima dos interesses particulares e de prazeres vaidosos, põem a sua intelligencia e, mais que tudo, a dignidade. Se gritavamos contra a corrupção, contra as immoralidades, porque não havemos de sauear os atoleiros que a chagosa e purulenta monarchia nos deixou?

Ceder o eleitorado por um prato de lentilhas, restringir ou conservar na inconsciencia os direitos e as liberdades do povo, mandar arbitrariamente e dispor de tudo e de todos, são actos que eu, na minha qualidade de republicano intransigente, não posso tolerar, e que o povo portuguez não devia consentir.

Faro, 1911

João Pedro de Sousa.
advogado

BASILIO TELLES

As ditaduras e o período revolucionário
Peçam n'esta typographia.

O ESPARTILHO

A *Illustração Portuguesa* dando no seu ultimo numero um interessante artigo sobre o espartilho, lembrou-me a conveniencia de algo dizer sobre o assumpto.

Mas não se assustem as leitoras. Desde já prometto não entrar em promeneiros intimos.

A questão é melindrosa e por isso mesmo presta-se a ser tratada, ainda que muito imperfeitamente por pessoas do sexo da que firma estas linhas.

O espartilho é hoje um artigo indispensavel da *toilette* das senhoras, bem merece, por isso, que algumas palavras se digam a seu respeito.

Se por toda a parte tem conquistado as sympathias do bello sexo, não lhe faltam as malquerenças do sexo forte. Os medicos, especialmente movem-lhes uma guerra de morte.

O vendaval sopra tão rijo que em Paris, um dos grandes centros da Moda, houve um excêntrico que, com expressiva solicitude, apresentou na camara dos deputados uma proposta pedindo a supressão do espartilho.

Entre outros havia a seguinte clausula que não deixa de indignar-me profundamente:

«Se não fôr supprimido, que toda a mulher que use espartilho pague um imposto especial.»

E' irritante!

Já vêm as minhas patricias porque caminho leriam as mulheres acesso no pessoal de fazenda na Republica Francesa. Quem, senão ellas, poderia encarregar-se da investigação correspondente ao novo imposto?

Supponho que todos os homens reclamariam semelhante *fiscalização* mas...

Enfim, que o assumpto continua no ordem do dia evidencia-o o recente plebiscito de cujos resultados tanto se occupou *Le Gau lois* e outros jornaes francezes.

Abria a marcha *Guy*, a espirituosissima escriptora, emitindo se guidamente o seu parecer as mais elegantes e intelligentes actrizes francezas.

Estes votos são, indubitavelmente, de qualidade, mas tem de ser tomados na devida conta porque as senhoras, em geral, incapazes de lançar uma moda, limitam-se a aceitar as exhibidas com successo pelas actrizes mais distinctas.

Guy declara-se francamente inimigo do espartilho. Porque?

«Porque é feissimo, anti-hygienico e sem graça alguma porque vulgarisa os *detalhes*, desfigurando os que são bonitos sem aformosear os que são feios.»

Marie Bovet, outra conhecida escriptora, partilha das mesmas ideias e considera o espartilho um *instrumento de tortura*.

M.^{lle} Reichenberg, a famosa actriz da *Comedie Française*, a eterna ingenua do templo de Molière, não é tão radical:

«Não careço do espartilho para fazer brilhar o busto, mas julgo-o tão indispensavel como as outras prendas femininas, taes como: as luvas, os cintos, as ligas, os *sachets*... Usei-o sempre e sempre me dei bem com elle.»

M.^{lle} Bartet, a illustre collega de M.^{lle} Reichenberg resume a sua opinião numa phrase, exclaimando como a *Francillon* de Dumas filho:

—«O espartilho!... Uf! Que horror!»

Madame Jane Hading, outra actriz celebre, diz textualmente:

«Mão de ferro com luva de velludo, eis o espartilho. Desde que viajei pela America opto pela guerra da Independencia...»

Mad. Worms Baneth, além de outras actrizes dos theatros fran-

cezes, é, em principio, igualmente inimiga do espartilho; admitte-o, porem, em certos casos, sob a condição de ser ligeiro, curto, flexivel: «um quasi *petit corsag* interior, limitando-se a cingir discretamente o seio.»

E' identica a opinião de Rejane, a genial interprete de Sardou.

Miss Sibil Sanderson, gentilissima actriz norte americana, declara-se partidaria do espartilho, mas segundo a oportunidade:

«O espartilho.—diz ella—na minha opinião é muito util em certos casos, tanto em sociedade como no theatro.

Fallando só no theatro, direi que o espartilho tem a sua razão de ser nos papeis da epoca actual, ou com as *toilettes* Luiz XVI, como por exemplo na *Manon*, mas é absolutamente inutil nas obras antigas como por exemplo *Thais* e *Phryné*, nas quaes prescindindo delle com muito gosto.»

A falecida Judic, confessava tambem que prescindiria delle sem inconveniente algum, se tivesse conservado a sua estatura e esbelta. Adoptou o por ter engordado.

A Darland uma das mais bonitas actrizes dos palcos de Paris, não admite senão o corpete que usa,—um corpete elegantissimo de setim branco, com rendas valenciennes e enfeitado com *sarchets* de perfume.

Marcella Lender é uma das mais entusiastas defensoras do espartilho.

Joanna Garnier desinteressa-se da questão.

Yvette Guilbert, a endiabrada Yvette, que ha pouco deliciou os lisboetas com as suas canções do *boulevard*, opina que não haveria mulheres que combatessem o espartilho se todas tivessem a franqueza de confessar os serviços que elle lhes tem prestado.

Que pensará de tudo isto a mulher portugueza, sempre tão prompta em apaixonar-se pelas modas?

Seria interessantissimo saber-se, pelo menos, o que pensam a tal respeito as nossas patricias.

Eu por mim penso... Mas não, não digo. Só publicaria a minha opinião se houvesse um plebiscito á cerca de tal assumpto.

Rosal, Maio de 1911.

CAROLINA ANGELA.

A "Alma Algarvia"

No seu ultimo numero refere-se longamente a *Alma Algarvia* ao incidente suscitado entre a redacção do nosso jornal e os republicanos de Portimão, documentando-o com verdade, mas commentando-o com injustiça, especialmente nas referencias feitas ao nosso jornal. Merecem desculpa, certamente, essas injustiças, porque foram dirigidas apaixonadamente, como correspondencia a suppostos agravos nossos que, como temos dito, nunca estiveram na nossa intenção, mas d'entre ellas uma ha, porem, que mais de que todas as outras nos magoia e que não deixaremos passar sem reparo. E' a insinuação feita ao nosso querido amigo e brilhante camarada de redacção Lyster Franco que com sincero pesar vemos accusado n'este incidente de que elle nem directa nem indirectamente é culpado e no qual, se alguma interferencia teve, foi a de iastar e contribuir para que o mesmo incidente se solucionasse com honra para todos, prestando mais uma vez ao *Heraldo* a sua inextinguivel cooperação e amizade.

Posto isto e attendendo a que pelas leaes explicações por nós dadas no artigo editorial do presente numero não podem continuar subsistindo susceptibilidades ou equívocos, permitta-nos o collega que estas sejam as nossas ultimas palavras n'este incidente que se originou por más informações que nos foram dadas e que certamente não teria tomado vulto de maior se elementos que lhe eram extranhos os não, tivessem indignamente aproveitado para serem desagradaveis aos republicanos de Portimão e a alguns redactores do *Heraldo*.

UMA GRALHA

A *Nação*, a proposito do nosso *A Gandaia* em que, referindo-nos ao manifesto dos legitimistas falámos em *força e cacete*, que sabiram *força e cacete*, aproveitou a errata para reeditar a piada do charuto, da tabacaria e das outras cousas com que pretende ter graça á nossa custa.

Diz que fomos partidarios da força. Talvez, mas da força que não esmagou ninguém.

E que ainda somos. Oh, bomenzi-
nho, isso é ignorancia crassa.

Ora como são as cousas! Diz a fábula que uma gralha se enfeitou com pennas de pavão.

Chegou agora a vez de um pavão se aproveitar d'uma gralha para fazer espirito... a dias e aos zig-zags, A Lei das compensações.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Ex.^{mo} Sr.

Os signatantes d'esta carta dirigindo-se a V. Ex.^a esperam a fineza e lealdade da sua publicação.

E' um documento de defeza, e como tal vamos tentar ser succintos e breves.

No jornal de que V. Ex.^a é digno director, somos com fidalga urbanidade, mimoseados com o apreciavel epitheto de *bôa gente*, e outros bocadinhos de prosa em que negrejam com reconhecivel nitidez algumas suspeições que pretendem arremear-nos de certo modo, á irritação d'esses espiritos sempre dedicados á tarefa de seleccionarem monstros d'entre a feia psychologia humana.

Ora nós, não só não dedicamos á *esthetica*, um culto tão cego e demarcado, que nos faça descer á impia barbaria de decapitar cabeças, com o cutello da transferencia, só para experimentarmos depois o prazer singularmente *esthetico* de contemplar mos caras novas, nem tão pouco participamos mormente de animo frio, d'essa fereza tigrina de Marat para reclamarmos assim sanguinariamente os ligados e cabeças de innocentes e prestimosos cidadãos.

Não, prezado senhor. Nós, os alvejados com as considerações finamente virulentas de V. Ex.^a, não perseguimos ninguém pelo prazer nato de perseguir, pela influencia vil de rancores pessoais, ou por ambições que não experimentamos.

Tentando obter a transferencia de alguns funcionarios de Portimão tivemos singellamente a mira mal comprehendida de sauear, de limpar a nossa terra, da permanencia d'esses funcionarios que nem sempre nivelam os seus actos pelos preclaros limites da honra, da cortezia e da seriedade. Não havendo nos nossos intentos uma concepção maldosa podia todavia haver irrefl-xão, carencia de provas, inexactidão de argumentos. Não os houve egualmente.

Desejando V. Ex.^a, pode escolher local e oportunidade, e fornecer-lhe-hemos, sub compromisso da sua nobre publicidade, esses argumentos e essas provas, e V. Ex.^a obterá a convicta certeza, certeza indiscutivel, que houve um momento em que as suas apreciações jornalisticas fatiram por injustas.

Portimão, 9 de maio de 1911.

João Antonio Messias Junior.

Anselmo dos Santos.

Manoel Martins Samões Junior.

Patricio Antonio Pacheco.

Nenhuma d'estas assignaturas vem reconhecida nem o *Heraldo* conhece os signatantes. Agradece todavia o offerecimento que lhe é feito, mas declina-o porque de forma alguma é seu intento interferir em questões puramente locais.

"O HERALDO"

Chegam-nos queixas de alguns assignatantes que não recebem o *Heraldo*, principalmente de Lisboa. Essas faltas dão-se intermitentemente e devem-se ao desleixo dos distribuidores, porque nós enviamos um numero certo de exemplares, em mais, para a estação e os carteiros tem obrigação de os distribuirem pelos assignatantes, cuja lista está nas estações do destino. Pedimos, pois, o incommodo de reclamarem junto da entidade competente, para ver se esta chega oleo ás engrenagens que de vez em quando se fazem pérras.

CARTA DE FARO

PROEZAS DE TRATANTISMO E INDIFFERENÇA PUBLICA.—O PLUMITIVO, A «MALANDRO-LATRIA NACIONAL», PATRANHAS, DISPARATES E QUINQUELARIAS. A DEUSA FANTASIA EM FOCO.—TINTA, AGUA DE SABÃO, CANUDINHOS E BALÕES. RECEITA UTIL PARA ESCREVER SEM ASSUMPTO. COMMODISMO SANDEU E INJECCÕES DE PADRALHISMO.—DIOGENES, UM CANIÇO E A MALDADE DO DESTINO, A VIAGEM DO SR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA—ADIAMENTO DO FESTIVAL, OS APERTOS DE MÃO E A PYRA DA REPUBLICA—COMO SE VIVE EM FARO: TORRES E TOÇAS.—UM CASO LAMENTAVEL—UMA COMMISSÃO CELEBRE—UM AEREO-LITO E O ABORRECIMENTO GERAL—OS RESPIRADORES CITADINOS, AS «SECIAS» E OS PATRANHAS—RETHORICA, VERBORREA E... COMMENTARIOS—UM TRANSTORNO DOS DIABOS—DISCURSOS MENSAGENS E GESTOS REQUENTADOS—E PIADAS FINAS E GROSSAS—O DIA DE SÃO NUNCA, Á TARDE ETC., ETC.

Da mais atroz monotonia a semana finda!

Tudo velho e revelho, excepto algumas proezas ineditas nos fastos do tratantismo, proezas que aqui e alli afloram á superficie deste grande mar podre chamado indifferença-publica.

O plumitivo, neste inadiavel compromisso de rabiscar semanalmente para o *Heraldo* as suas impressões sobre os assumptos palpitantes da semana, vê-se por vezes grege, sem saber o que há de dizer por isso mesmo que nada tem a dizer.

Certo é, para estes casos bicudos, como alás para muitos outros directamente affectos ao grande culto da *malandrolatria nacional*, haver o recurso supremo de inventar patranhas, delinear disparates, fabricar casos tenebrosos como quem fabrica vistosas quinquelarias.

Certo é ter todo o plumitivo, por mais avariado que seja o seu intellecto, a faculdade de apellar para a indefinivel deusa chamada Fantasia.

Mas, infelizmente, esta deusa tem cabellinho na venta e nem a todos dá trélla, o que é um bem.

De resto sabe-se que, para um chronista sem escrupulos, para um rabiscador inconsciente existe o supremo recurso de transformar a tinta em agua de sabão e a penna em canudinho ôco, á semelhança daquelles que a creança utiliza para fazer balões.

Depois, em lugar de assoprar, o plumitivo faz deligencia para que a penna deslize o mais rapidamente possivel sobre o papel linguareco.

Assim, o assumpto dilata-se, avoluma-se, arredonda-se, graças á conglomeração de palavrório, a maior parte das vezes sem significação alguma e tanto augmenta, tanto, que chega a estoriar, desaparecendo muitas vezes transformado num salpico de agua suja.

Por isso eu, envergando o balandrau de chronista, que muita gente bôa opina não me ficar mal de todo, prefiro historiar claramente os factos a divagar pelos obscuros mundos da Incerteza.

E' que quem anda ás cégas está naturalmente arriscado a tropeçar, a escorregar...

Dir-me-hão que escorregar não é cair. E' certo; mas, convem lembrar que a linha predominante do homem deve ser a vertical.

Ora, presentemente, no meio de uma sociedade apodrecida pelo commodismo sandeu, inquinado por seculares injeccões de padralhismo, é difficil, muito difficil, manter semelhante linha, tanto mais que é forçoso reconhecer, pela evidencia dos factos e graças ao tratantismo nato de todos nós portuguezes illustres, a inutilidade, da lanterna de Diogenes nestes tempos que vão correndo.

Por isso o plumitivo, vergando como um caniço á mercê dos fados adversos, lançará mão do unico assumpto palpitante que a maldade do Destino lhe serviu *au naturel* para esta semana.

Esta toda a gente a ver que vou referir-me ao adiamento da viagem do sr. Antonio José d'Almeida, não é verdade?

O que este inesperado adiamento contem de contrariedades para muita gente boa, daria assumpto para volumosas obras de atilada critica.

E' que já estava tudo a postos, é que já estava tudo preparado, assumindo assim aquelle telegramma adiador, do sr. ministro, a apparencia de um flagello terrivel, algo parecido com o despejar de um copo de agua numa fervura!

E num affervura andava tudo isto para que fosse condignamente recebido o sr. ministro, que uma aura de democrata sincero e puro recommenda á veneração respeitosa de quantos o conhecem e admiram!

Mas o sr. Antonio José d'Almeida não pode vir por enquanto.

Assumpto mais importantes do que alguns democraticos apertos de mão, o prendem lá pela Lisbia, junto da pyra sagrada da Republica, sob a arcada pombalina do ministerio do interior...

E' um mal, um grande mal, para nós outros proceres citadinos, que já contavamos ouvir, daqui a poucos dias, a palavra fluente do propagandista illustre, reboando nesta cidade rasa, chatissima, e onde se vive como bicharoco em toca.

Sim. O indigena citadino, se quiser dilatar a vista, ou terá de subir ás varias torres que cidadãos varios semearam por toda a cidade, numa ancia explicavel de almas elevadas que sobem em cata do ideal. ou terá de ir até Santo Antonio do Alto que bem pode chamar-se o respiradoiro, acraterra deste extraordinario vulcão de lama, que figura no mappa algarvio sob o nome canino de Faro.

Mas, voltando ao ponto:

Certo é ser facil a consolação perante o telegramma do ministro, visto que se trata, apenas de um simples e vulgar adiamento.

Todavia o caso é lamentavel, Quem pensou jamais em sustar um aereolito, que rebrihendo riscasse uma negra atmosfera de aborrecimento com a sua passagem luminosa?

Ninguém, por certo.

Ora esta grande commissão dos festejos de recepção ao sr. Antonio Jose d'Almeida, constituida, na maior parte, por cavalheiros respeitaveis que ninguém conhece, que pouca gente aprecia e contem em si tudo esse vago e tetrico mysterio das corporações incompetentes, pode bem, sem favor, comparar-se a um aereolito impellido por desconhecida força, que viesse riscar a noite caliginosa deste geral aborrecimento citadino, e onde só existem os respiradoiros dos clubs de má morte em que as secias rebriham com uma opulencia que a gnhoca do paterfamilias não justifica e das cafurnas do cavaco, onde os machacazes ostentam fatiotas em debito ao mestre alfayate.

O que essa obscura e desconfhecida commissão, que não chegou a reunir-se integra, completa, dispendeu de inergia, de tacto e de enthusiasmo, é coisa pasmosa, cuja descrição ficará, por certo gravada em rotulantes lettras de otro no livro das recepções da cidade.

Da rethorica, da verborreia que, como o azeite, tende sempre a alastrar em taes reuniões nem pode a gente recordar-se, sem que grossas lagrimas nos imperlem as palpebras em agitada commoção!

E tudo isso resultou improductivo simplesmente porque... o sr. ministro adiou a sua viagem.

Discursos, mensagens, gestos, propositadamente preparados para a festa, ficaram prejudicados, uma vez perdida aquella graça de espontaneidade, que fica bem até nas coisas que não são espontaneas.

E, no final de contas, quando vem o sr. ministro?

Tenciona, vir, segundo informação officiosa, depois das eleições e antes do inicio dos trabalhos das constituintes.

E virá, certamente ha-de vir se imperiosos motivos o não impedirem de novo, levando-o a adiar a sua viagem ao Algarve para aquelle kalendarescamente celebre e universal dia de... «São Nunca,» á tarde.

Saude e... bichas.

Senanpidio

ELEIÇÕES

Politica e negocio ou Honras e proveito no mesmo sáo

A sede do réclamo dilatou-se de tal modo que os homens publicos se deixam arrastar por ella de uma maneira que não hesitaria em qualificar de escandalosa, se não fosse pelo quasi religioso respeito que merecem os cidadãos que consagram, dedicam e offerecem a sua existencia aos assumptos da *res publica*.

Res, conforme não ignoram aquelles dos meus leitores que chuparam um pouco as fartas tétas da formosa lingua de Vergilio, significa «coisa» *Res publica*—coisa publica.

Faço esta declaração eminentemente erudita, não só para que os ditos meus leitores me admirem mas também para que os profanos em achaques de latim não interpretem mal as minhas palavras: poderiam traduzir *res publica* assim... rez publica, carneiro, barrego ou anho nacional, nascido para ser esfolado por homens politicos e devorado com batatas eleitoraes, e como por minha parte não houvesse o minimo proposito de fazer a mais leve allusão a esse respeitabilissimo facto, por isso julguei prudente explicar com a maior clareza a minha ingenua latinagem.

M's voltemos ao caso do réclamo: «Mr. Juste Anne, senador, participa ao publico que não vendeu nem cedeu a sua clientela de medico veterinario, e que ninguém tem direito de se intitular seu successor.»

Logo em seguida o honrado avô da patria offerece seus serviços aos seus amigos e eleitores. E como Mr. Juste é veterinario, a offerta tem uma pontinha epigrammatica bastante fina, embora provavelmente filha de profunda candura e não de intenção causticante.

Mas não é o epigramma que me afflige; é o proposito mercantilista que transparece em todo o annuncio: converter a cadeira curul em instrumento de reclamo!

Dizer ao povo que o senador continua exercendo a sua profissão e que está disposto a curar todos os animalejos que se apresentem á sua clinica, parece-me assaz improprio.

Como veterinario, talvez ande bem; como senador, é demasiado... veterinario.

Objectará, porem, o censurado: —Na America toda a gente faz o mesmo!

E' verdade! O sr. X. publicou em diversos jornaes dos mais lidos na União este reclamo hipnotisante.

«Mr. X., senador por N., que tomou uma parte tão intelligente quanto activa na campanha parlamentar para a votação do bill presidencial participa aos seus immensos fregueses que se estabeleceu em... (aquí os nomes de varias cidades) succursaes para a venda por atacado e a retalho dos seus famosos presuntos, paos e carnes ensacadas.

Tudo o bom americano considerará como um dever civico provar os admiraveis productos do eloquente senador.»

Tambem em 1878, outro senador yauka, publicou um annuncio do qual mandou distribuir um milhão de exemplares em folha avulsa em que dizia:

«Mr. W., senador e fabricante de conservas, participa aos seus numerosos amigos e eleitores, e ao publico em geral, que se divorciou legalmente de sua esposa, fulana de tal.

Este feliz acontecimento, que o liberta de uma serie de preoccupações e de desgostos, permittir-lhe-ha d'ora em diante consagrar-se com toda a dedicação e plena posse de espirito aos problemas politicos e á fabricação e aperfeiçoamento daquellas conservas que todo o mundo civilisado admira e consome.»

Nas penultimas eleições legislativas que se realisaram em Inglaterra, um candidato lefiz distribuiu

profusamente uma folha avulsa com a seguinte declaração:

Nunc est bibendum.
«Mr. J. N. esquire, faz saber: Que os seus eleitores o elegeram por 300 votos de maioria; e que a sua riquissima cerveja marca * * * é a unica que S. A. R. o principe de Galles bebe, sendo o seu real exemplo seguido por toda a alta aristocracia inglesa.»

No cemiterio duma importante cidade britanica lê-se o seguinte epitaphio:

«Aqui jazem Ketty B. e Margaret D., virtuosas consorte que foram de Mr. Samuel G., membro da camara dos commons.

Se quereis, cidadãos, ser agradaveis aos manes daquellas duas exemplares esposas, renovae o mandato legislativo que concedesteis ao seu inconsolavel viuvo, e acceitae desde já os seus protestos de gratidão.»

Durante o governo de lord Palmerston, e em vespas de eleições, realisou-se no condado de Kent um meeting contradictorio, em que deviam usar da palavra os dois candidatos rivales, um d'elles deputado saliente.

O candidato que lhe disputava a eleição, tratou de o ridicularisar no seu discurso, dizendo entre outras coisas que elle nem sequer uma vez pedira a palavra durante toda a sessão precedente, e que seria absurdo reeleger um homem que parecia fazer gala dum muitissimo recalcitrante.

O sr. *, depois de escutar com amavel impassibilidade as chalaças do seu adversario, levantou-se para proferir estas simples palavras:

—E' verdade, eu nunca fallo no parlamento; para fallar lá estão os oradores de profissão.

A minha divisa é *agere non loqui*... Porem voto em consciencia e fabrico as melhores ceroulas de lã e malha que se vendem em toda a Inglaterra.

Sou homem util ao meu paiz, util á nossa industria nacional, que é a primeira do mundo, em quanto que o meu adversario só tem trabalhado de lingua. Entre um homem que só sabe chalar e outro que representa uma das forças da nação, creio que os eleitores não hesitam, especialmente depois de lhes dizer o que me proponho fazer.—Primeiro, apoiar o governo de S. M.; segundo, reduzir 15 por cento no preço da venda dos meus artigos.

Com effeito, os eleitores não hesitaram e reelegeram o fabricante de ceroulas de lã e de malha.

Recebam os meus agradecimentos como consumidor dos referidos artigos, embora não gose do abatimento no preço porque os compro.

Domino Azul.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 21.—D. Monica Chagas, D. Alice Judice Samora Pimentel, Antonio José Garcia Guerreiro. Terça, 25.—A menina Maria José Santos. Quarta, 24.—D. Francisca Parra Barroso. Quinta, 23.—D. Isabel Neves Centeno, a menina Maria de Lurdes Dorez. Sabhado, 27.—Claude de Arnoze, Joaquim Manoel Judice Bicker, Francisco Maria d'Araujo Ribeiro.

INEDITOS

AMOR

Ella estava pensativa...
Elle chegava, — e moi fagueiro:
—«Gentil dama!»
—«Cavalheiro!»
Volte a bella a respirar:
—«Se acaso nós nos casássemos?»
Logo ella com voz dolente:
—«Era n'isso exactamente
que eu estava agora a pensar!»

Casaram.

Ao outro dia
lhe diz ella, receiosa:
—«Meu amigo!»
—«Cara esposa!»
lhe volta elle a bocejar,
—«Se nós nos divorciássemos!»
Elle logo em tom ridente:
—«Era n'isso exactamente
que eu estava agora a pensar!»

Silvius.

VARIA

Auto-biographia do Imperador Marco Aurelio, no livro 1.º das suas «Meditações»

I.—De men avô, Vero, aprendi a ter costumes honestos e modos affaveis.

II.—Da reputação, que meu pai deixou, aprendi a ter um caracter viril e modesto.

III.—Minha mãe ensinou-me a ser compadecido; a não fazer mal a ninguém nem mesmo por pensamentos; a viver simples e frugalmente, e a evitar o luxo excessivo.

IV.—De meu bisavô aprendi a não poupar despeza ou esforço algum para ter bons mestres e meios de instrução.

V.—O meu mestre ensinou-me a não tomar parte nas facções do povo, por occasião dos combates de gladiadores e corridas de cavallos; a suportar o trabalho e as fadigas; a contentar-me com pouco, a saber servir-me a mim mesmo, a não me ingerir em negocios alheios, e a não dar ouvidos a lisongeiros, intrigantes e delatores.

VI.—De Diogeno aprendi a não me occupar de coisas vãs e frivolas; não crer em prestigios e imposturas; e a soffrer que fallem de mim com liberdade.

Devo-lhe muito por me ter inspirado o amor da philosophia, e o desejo de conformar-me em tudo com os costumes austeros dos verdadeiros philosophos.

VII.—Devo a Rustico a particular obrigação de me fazer sentir a necessidade de cuidar sempre em corrigir os meus defeitos; ensinar-me a gostar da poesia sem paixão; a desprezar as subtilidades da dialectica e rhetorica; a evitar em meus discursos uma eloquencia affectada, e por consequente viciosa; assim como a ostentação de saber, de autoridade, ou qualquer outra casta de affectação.

Exerciton me em ler com attenção e escrever cartas com estylo simples. Também lhe devo fazer-me conhecer os «Commentarios d'Epicteto», ensinar-me a viver sem fausto, e a perdoar facilmente as injurias e offensas.

VIII.—De Appolinio aprendi a conservar-me livre e firme em meus propósitos; a consultar a razão até nas coisas pequenas; a ser sempre o mesmo nas longas molestias, nas dores agudas, e nas adversidades de qualquer especie.

Em Appolinio achei o modelo de um caracter ora severo ora indulgente segundo as circumstancias; e um espirito, que sabendo explicar-se com facilidade e elegancia, considerava este bello talento como a menor de suas vantagens. Ensinou-me, em fim como uma alma nobre recebe os benefictos sem se tornar servil nem ingrata.

IX.—Sexto ensinou-me com o seu exemplo a governar a minha casa como pai de familia, e a seguir constantemente os dictames da razão; a escutar com particular attenção os meus amigos; a soffrer os ignorantes e inconsiderados; finalmente a tolerar todos os caracteres.

Sexto tinha a particular habilidade de por em clareza e ordem os preceitos necessarios para dirigir e regular o comportamento da vida. Acolhendo a todos com suavidade, sabia ao mesmo tempo inspirar uma certa veneração áquelles que o procuravam. Também aprendi com elle a instruir-me, a moderar a minha sensibilidade sem cahir na indifferença; e a vencer todas as minhas paixões.

X.—De Alexandre o grammatico, aprendi a não notar de um modo offensivo o que escapasse ás pessoas com quem conversava, mas a supprir com delicadeza, parecendo responder ou accrescentar novas razões, ou occupar-me antes das coisas do que das palavras, ou finalmente por quaesquer outros modos indirectos, que são lições e não o parecem.

XI.—Fronton fez-me conhecer que a côrte dos principes é a morada da falsidade, da hyppocrisia e da inveja, e que os cortezãos são os homens menos capazes.

XII.—Alexandre o platonico, ensinou-me que qualquer que fosse a affluencia dos negocios nunca deveria servir de pretexto, ou desculpa

para deixar de fazer os serviços á amisade.

XIII.—Catulo advertiu-me de que nunca despresasse as queixas dos meus amigos, ainda que fossem deslroidas de fundamento; e sempre me mostrasse para com elles o mesmo que era antes da queixa.

Um verdadeiro democrata, na verdadeira accepção mais ampla da palavra, este imperador de Roma.

O pintor Ventura que actualmente se encontra n'esta cidade na execução de trabalhos que lhe foram solicitados, espera que os tavorenses aproveitem esta excellente occasião encarregando o habil artista de quaesquer serviços da sua especialidade—letras e taboletas illustradas.

Armações d'atum

(2.ª semana)

PEIXE VENDIDO NA LOTA DE VILLA REAL DE SANTO ANTONIO NA SEMANA FINDA DE 14 A 20 DE MAIO.

Abobora—19 atuns e 1 atuarro; 363m333 réis.

Medo das Gasas—51 atuns, 9 atuarros e 37 albacoras; 966m208 réis.

Barril—84 atuns, 6 atuarros e 6 albacoras; 1.631m833 réis.

Livramento—14t atuns, 58 atuarros, 144 albacoras e 24 cachoretas, 3.537m854 réis.

Ramallete—29 atuns e 2 atuarros; 555m083 réis.

Atalaya—172 atuns, 53 atuarros, 386 albacoras e 41 cachoretas; rs. 4.522m623.

TOTAL: 496 atuns, 129 atuarros, 573 albacoras e 65 cachoretas, no valor de 11.576m934 réis.

OS QUE MORREM

Falleceu em Villa Real de Santo Antonio o major reformado Antonio Marcos Mendes Correia, official que serviu muitos annos no regimento de caçadores 4.ª d'esta cidade e que tihha sido nomeado, apoz a sahida do serviço activo, commandante militar da praça de Villa Real.

O fallecido deixa dois filhos: a sr.ª D. Maria Bernardina Marcos Correia e o sargento cadete Antonio Marcos Correia.

Pelas 4 horas da manhã de hontem falleceu em Tavira victimada por um cancro a sr.ª D. Isabel da Encarnação Lopes.

Falleceu pelas nove horas da noite de sexta feira, n'esta cidade o sr. Antonio Joaquim Peres, proprietario, pae das sr.ªs D. Leopoldina Pires Padinha e D. Maria Paulo Gomes, sogro dos srs. Dr. Antonio Padinha e major José Paulo Gomes, e irmão do capitão de engenharia sr. José Peres.

O funeral realisou-se ás 6 horas da tarde de hontem, sendo o cadaver sepultado no cemiterio de S. Francisco. Tomaram as borlas do caixão os srs:

José Miguel Antonio Marques, Capitão Ferreira, Jordão Cansado, Alvaro Torres, Capitão Lemos, Augusto Netto, Antonio A. Soares, Major Dias.

Guardou a chave do caixão o sr. Francisco José Marques Freire.

Sobre o ataude foram depostas tres coroas:

De sua esposa.
De sua filha Maria e genro.
De sua filha Leopoldina e genro.

FALTA DE ESPAÇO

Por falta de espaço retiramos a correspondencia de Villa Real, A' Gandaia e muitas noticias pessoaes.

MOINHO

Vende-se um bom, grande, inglês, para moer café, bom estado. Trata-se com Antonio Rodrigues Peres—TAVIRA.

CAIXOTES de primeira ordem, boa madeira, não são dos de tabaco.

Vendem-se dez ou doze n'esta typographia.

do que nos diz que não se deve falar em coisas tristes.

Ora os letreiros das ruas, os antigos, fallam da extincta monarchia, lembram todo um passado de vergonhas, que urge extripar com o bisturi do bom senso e a lanceta da probidade.

De resto, não é mysterio para ninguem que a extincta monarchia constitucional foi das coisas mais tristemente tristes que tem havido á superficie da terra.

Se é verdade que os povos tem os reis que merecem, nem ha adjectivos deprimentes com que possa ser qualificado este povo de impulsivos e sentimentaes, que por tanto tempo se deixou embair, fascinado pelo aspecto apothetico das ceremonias e festivas da fidalgia endinheirada, do enxame brilhante, reluzente de galões, pedrarias e crachás, que formava ao redor do beatissimo ex-rei aquillo a que o sr. Alpoim, num rasgo de eloquencia tribunica chamou a *canalha doirada* e á que o sr. João Arroio, mais poeticamente, denominou *abelhas palacianas*.

Mas o povo redimiu-se, dirme-hão.

E' certo. Readquiriu na Rotunda e especialmente na imponentissima manifestação fúnebre a Candido dos Reis e Miguel Bombarda, aquelle brio que outr'ora o caracterisara.

Mas... isto em Lisboa.

Pelas provincias, em cujas terreas os ideaes são quasi sempre habilmente explorados para satisfação de invejas, odios pessoases e rancores antigos, é o que se sabe.

Em geral, o indigena politico nem carece de saber o nome do partido ou facção em que milita.

Para quê?
O seu ideal é *venha a nós*, a sua crença *barriguista*, o seu credo politico o egoismo.

Para alistar-se basta-lhe saber qual o grupo em que pelejam os seus inimigos pessoases.

Não são questões politicas as que se derimem, são desforços que se tiram, vinganças que se efectivam.

O povo, no seu velho habito de synthetisar, achou umas phrases bellamente adequadas ao caso:

Os que estão de cima e os que estão de baixo.

E não ha luctas mais tremendas, mais rancorosas e ignobes do que as feridas entre estes dois grupos.

O ideal é para o caso, coisa secundarissima.

Desapparece, volatiliza-se deixamdo em seu lugar um barro ferido, peganhento, irritante, a que chamarei *questões pessoases*.

E' isto um mal?

E', sem duvida, e urge combaterlo effizamente, no intuito de apaziguar vaidades irritadas e estabelecer a concordia entre gregos e troianos, primeiro passo para a concentração de uma nacionalidade.

Neste estado de coisas é evidente que, de forma alguma, se pode prescindir de qualquer meio de propaganda.

E se as conferencias, os comicios e as palestras podem insufflar no povo ignorante a comprehensão do que seja a democracia, certo é dever utilizar-se um meio effizaz tendente a familiarizar os olhos do indigena com a bandeira que a representa.

E' evidentissimo que seria louvavel que nos modernos letreiros das ruas predominassem, como nos antigos, as cores nacionaes.

Seria uma nota pittoresca, inédita e facilmente realizavel.

Sobre um fundo glauco, transparente e luminoso umas letras vermelhas, de um vermelho rubro, intenso, que de longe, mercê das leis da optica, haviam de parecer pretas.

Livrar-nos-hiamos assim destes letreiros inexpressivos, tresandando a burguezia endinheirada e onde para qualquer coisa da velha bandeira legitimista, resultante, naturalmente, da alliaça do branco com a tarjeta doirada, também applicavel a epitaphios.

Mas...

Isto são meras considerações.

E por hoje ponto que estou sob a acção nefasta do endiabrado letante que me amolga os nervos

com a sencermonia de um moço de fretes transportando objectos frageis.

Felizmente, tudo tem sua compensação.

Dizem-me alli os visinhos que o levante é propicio á chegada dos atuns, o que é devéras um bem para uma terra onde ha tantas armações.

Vale!

Saude e bichas.

Senanpidio

OS QUE MORREM

Falleceu em Famalicão o sr. conde de Arnoso. Foi secretario particular de D. Carlos e grande amigo e admirador de Eça de Queiroz. Cultivou as lettras, pertenceu ao famoso grupo dos *Vencidos da vida* e foi o principal influente na consrtrução do monumento ao anctór da *Reliquia*.

Finou-se em Lisboa o nosso prezado collega Alfredo Ribeiro, *Ruy Barbo*—fundador do *Pimpão*—e fino humorista.

Era um caracter lealissimo, um bom na mais ampla accepção da palavra o que não impedia de saber manejar como poucos, a satyra, o epigramma e todo o fuzilar da troia.

Tambem falleceu o illustre professor e publicista, Francisco da Fonseca Benevides, lente do Instituto Industrial e antigo inspector das escolas industriaes.

O dr. Manuel Penleado que acaba de fallecer em Lisboa, foi um distincto cultor das lettras, brilhando no jornalismo e no theatro, para onde escreveu muitas comedias e fez muitas traducções entre as quaes a do *Cyrano de Bergerac*, de collaboração com Julio Dantas. Tambem collaborou no *Livro prohibido* e nos *Doentes*, um interessante livro de contos.

Era filho do nosso patricio Octavio Penleado e sobrinho do dr. Stromp. A' familia enlutada os nossos pesames.

Assumptos Agricolas

Todos os annos os lavradores das mais diversas regiões do paiz se queixam de que as suas ceareas de milho, trigo, centeio, etc., raras vezes se apresentam com aspecto exuberante, que successivamente diminuem as produções, ou são amarelladas, fracas, atzadas. Tambem dizem que os batataes são de pequena produção e com batatas doentes ou pequenas e as hortaliças e os milhos são devastados por bichos daninhos. Ora todos estes inconvenientes e estragos que causam tantos prejuizos podem ser evitados empregando antes de semear os adubos completos da marca registada *Trevo de 4 folhas* apropriados as culturas e á natureza da terra.

Mas, quando estas culturas já estejam sementeas é aconselhado a applicar, como recurso, a unica adubação, possivel, o nitrato modificado com potassa. Temos nitrato modificado com as dosagens garantidas e preços seguintes:

Marca, N. S. M. K. 86; Azote 8 o/o; Potassa 6 o/o; Sacco 50 Kilos 23100 reis.

N. S. M. K. 104; Azote 10 o/o; Potassa 4 o/o; Sacco 50 Kilos 23500.

Estes 2 adubos são extremamente soluveis de effeitos evidentes mais ou menos rapidos. São insectifugas, combatendo a praga dos insectos nocivos, como o alfinete, bicha amarella, cancer etc.

No milho applicar 20 a 40 grammas para 2 a 4 pés, espalhando a lancha ou em volta de cada pé.

No trigo, centeio applicar 20 a 30 kilos para cada alqueire.

Nas batatas e nas hortas empregar 20 a 40 grammas em cada metro quadrado. Convem fazer o possivel para o adubo não ficar em cima das plantas.

Os srs. lavradores só devem accetar os saccos de nitrato modificado que tenham sello netalico de de O Herold & C.ª junto com o fio que cose o sacco, devendo este ter a marca registada *Trevo de 4*

folhas assim como a etiqueta de cartão.

Com a applicação do nitrato modificado a tempo consegue-se augmentar a colheita e muitas vezes salvar as culturas não devendo portanto os srs. lavradores demorarem as suas encommendas d'este adubo á casa O Herold & C.ª, Lisboa.

Approveitem o exemplo!

As Pilulas Pink curam tão facil, tão promptamente as doencas tendo por origem a pobreza do sangue, a fraqueza dos nervos, que parodiando a phrase de Seneca: «Está meio curado todo aquelle que quer firmemente curar-se», pode dizer-se: «Está meio curado todo aquelle que escolheu as Pilulas Pink para se curar».

Todos os dias estamos recebendo numerosas cartas de doentes, que andaram soffrendo do seu mal annos e annos e que devido a isso mesmo perderam o emprego, a posição, o ganha-pão respectivo. Esses doentes, depois de terem em vão experimentado toda a especie de remedios, resolveram enfim tomar as Pilulas Pink, e viram se curados dentro de algumas semanas. Todos os dias citamos novos casos de cura: aos doentes cumpre aproveitar estes exemplos.

Eis o que nos escreve o sr. Alberto Carvalho Albuquerque, residente em Arganil, districto de Coimbra:



«Foi somente devido ás suas excellentes Pilulas Pink que eu me consegui curar de uma profunda anemia, de que soffria ha muito tempo. Este incomparavel remedio deu-me tão bons resultados, que julgo do meu dever recommendal-o a todos os que soffrem como eu soffri.»

Sob uma forma condensada, as Pilulas Pink contêm todos os elementos necessarios para dar nova vida, no a riqueza ao sangue e para tonificarem os nervos. São o especifico infallivel contra a anemia, a chlorose, a fraqueza geral, as vertigens, os zumbidos dos ouvidos, as irregularidades das senhoras. São soberanas contra a extenuação nervosa, a neurasthenia.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 800 reis a caixa, 48400 reis as 6 caixas. Depósito geral: J. P. Bastos & C.ª Pharmacia e Droguaria Panosular, rua Augusta 39 a 45, Lisboa.—Sub-Agentes no Porto: Antonio Rodrigues da Costa & C.ª, 102, Largo de S. Domingos, 103.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Tavira e cartorio do segundo officio correm editos de 30 dias, a contar da data da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando o viuvo meiro José Lourenço, ausente em parte incerta da Republica Argentina, para todos os termos até final do inventario orphanologico por obito de sua mulher Maria do Sacramento, residente que foi no sitio do Bernardinheiro, freguezia de São Thigo, e em que é *inventariante*, Joaquim Lourenço, residente no sitio da Palmeira, freguezia da Luz, sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Tavira, 12 de maio de 1911.

Verifiquei: Serpa.

O escrivão,

Arthur Neves Raphael 67

QUINZA

Vende-se uma quinta, proximo a Santa Luzia e junto á estrada da mesma, a um kilometro da cidade, consta de terras de semear, sequeiro e regadio, com duas noras abundantes de boa agua, vinha, figueiras, laranjeiras e outras arvores de fructo. Que para criação de gados, presta-se como nenhuma por estar situada á margem do rio e de grandes sapaes.

Toda em boas condições. Trata-se com José Frazão. 71

ANNUNCIO

Vende-se uma propriedade no sitio da Senhora da Saude com oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, moradia, palheiro e ramada. Quem pretender pode-se entender com José Pereira Gaspar que está vivendo na mesma propriedade. 54

ARMAZENS

Vendem-se dois á "Porta Nova" proximo ao apeadeiro do caminho de ferro, com caldeira, pipas e todos os utensilios concernentes a adega.

Quem pretender dirija-se a Romão A. do Carmo Xavier ou a Antonio Pires Soares, Tavira. 57

CAIXEIRO

Com pratica de fazendas. Precisa de um, Antonio Soares Mansinho.

Rua Alexandre Herculano, Rua da Liberdade.—TAVIRA 66

ESTABELECIMENTO HYDROLÓGICO DE PEDRAS SALGADAS

A MAIS RICA ESTANCIA DO PAIZ

ABRE NO DIA 20 DE MAIO

Assistencia Medica, Pharmacia, Massagist,

Novo estabelecimento balnear completo

Soberbo Parque,

Divertimentos ao ar livre,

Grande Casino-Theatro,

Estação Telegrapho-Postal,

Vaccaria o Illuminação Electrica em todos os Hotéis pertencentes á Companhia, no Casino-Theatro e em todos os Parques, etc., etc.

A GUAS alcalinas, gazozas, á lithicas, arsenicaes e ferruginosas, uteis na gotta, manifestações de arthritismo, diabetes, affecções de figado, estomago, intestinos, rins, bexiga, dermatases e muitos outros padecimentos, como o provam innumerados attestados das maiores notabilidades medicas do reino e estrangeiro.

Excellentes hotéis, propriedade da Companhia: *Grande Hotel*, *Hotel do Norte* e *Hotel de Avellames*, todos elles muito amplios e os quaes se acham situados no centro dos magnificos parques onde a temperatura é agradabilissima.

Caminho de Ferro a Pedra Salgadas.

Fonte D. Fernando: muito gazosa e bicarbonatada sodica, natural; é excellente agua de mesa.

Encontram-se á venda as aguas de todas nascentes de Pedras Salgadas, nos hotéis, restaurantes, drogarias e pharmacias e em todas as casas de primeira ordem.

Esclarecimentos no escriptorio e deposito da Companhia, rua da Cancellaria, 29 a 31—PORTO.

DEPOSITARIOS: em Lisboa, J. R. Vasconcellos & C.ª, Largo de Santo Antonio da Sé, 5. 1.º Em Braga, Cruz & Souza, largo de S. Francisco, n.º 5. 59



Minha Irmã Maria

de 12 annos de idade, soffria de rachitismo, e em tal estado que já ninguem contava que a vida se lhe prolongasse por muito tempo. Debalde empregava o meu tempo e dinheiro em busca de remedio para o seu mal. Ainda que tarde, comecei a ministrar-lhe a Emulsão de Scott, e o seu resultado foi-se accentuando á medida que ia tomando a Emulsão; e hoje encontra-se bôa, completamente curada, com boas côres, e em nada transparece a doença que a torturava.

Testemunho do D. ALEXANDRINA PAES DE CASTRO, da rua do Miradouro, 61, Porto, em 5 de Agosto de 1909.

Taes curas são facéis para o preparado de Scott. A tremenda energia dos ingredientes torna impossivel um resultado nullo. Basta para prova a leitura das cartas recebidas dos paes ou dos doentes, e que são publicadas continuamente. Quem experimenta o

PREPARADO DE SCOTT

depressa se convence de que é inteiramente differente de todas aquellas outras emulsões com que a procuram substituir. Resolvi vos, quando fordes procurar o preparado de Scott, a não trazer para casa coisa que não seja o de Scott.

NOTA: Apesar do imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Droguarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços annuos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia, Succs., Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1.º, Porto. Exigir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

CASAS

VENDE-SE uma morada de casas na Rua dos Mouros com os n.ºs 25 e 27 de policia e Rua das Capacheiras, n.º 4, com 6 compartimentos, sobrado e um pequeno quintal. Quem pretender dirija-se a Joaquim Eduardo dos Santos.

CEIFEIRA MECHANICA

Aluga-se em Villa Real de Santo Antonio.—Lezirias do Guadiana. 69

MOBILIA

Vendem-se dose ou mais cadeiras de palhinha, sophá, canapé, *etagere* tudo em bom estado.

Estantes e balcão quasi novos proprios para mercearia.

Domingos José Soares—Tavira. 55

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar uma bolsa de prata, de senhora, que foi perdida, no sabbado, 20 do corrente, do Tennis á Praça da Republica, tendo passado pela antiga rua da Alegria.

N'esta redacção se diz a quem pertence.